

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Dorotéa de Almeida Jesus

**A LEITURA LITERÁRIA EM RODAS DE CONVERSA NA SALA DE
AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de especialização em Docência na Alfabetização e Letramento na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Alfabetização e Letramento.

Orientadora: Cláudia Starling Bosco

Belo Horizonte

2012

Maria Dorotéa de Almeida Jesus

A LEITURA LITERÁRIA EM RODAS DE CONVERSA NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de especialização em Docência na Alfabetização e Letramento na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Alfabetização e Letramento.

Aprovado em 14 de Julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Cláudia Starling Bosco (Orientadora) Faculdade de Educação da UFMG

Maria Flor De Maio Barbosa Benfica (Leitora Crítica) Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho aos meus filhos e netos que me deram força para continuar a investir em minha formação, através de seu amor e compreensão. Especialmente ao meu esposo, que com seu espírito alegre é uma fonte de inspiração e incentivo para mim.

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente agradecida a Deus, que é o doador de toda vida.

À todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

Aos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado

As minhas amigas do curso LASEB que compartilharam comigo, momentos agradáveis e pela rica troca de experiências.

Aos professores do curso, LASEB pelo incentivo e profissionalismo.

À professora orientadora, Cláudia Starling Bosco, pela orientação, aprendizado e apoio em todos momentos necessários.

“Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda”. (Provérbios 9:9^a)

RESUMO

Este plano de ação refere-se ao trabalho que foi desenvolvido com uma turma de quatro e cinco anos de idade, da educação infantil, tendo como objetivo investigar a importância da leitura literária nas rodas de conversa, como fator de interação, socialização e suas implicações na sala de aula, visando à interação da criança com práticas de letramento. Através da oralidade as crianças tiveram a oportunidade de recontar e inventar suas histórias. Buscamos como referência os estudos de Leite (2008), Costa (2009), Soares (2010), dentre outros. Os resultados mostram como a leitura literária, especificamente relacionada à contação de histórias, pode propiciar para as crianças, a oportunidade de um aprendizado eficaz e prazeroso.

Palavras-Chave: Rodas de conversa, linguagem oral, literatura, alfabetização, letramento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - UMEI MANGUEIRAS.....	13
FIGURA 2 - Parquinho da escola.....	13
FIGURA 3 - Cantinho da leitura.....	26
FIGURA 4 - Mesa de leitura.....	26
FIGURA 5 - Mala da História.....	26
FIGURA 6 - Levando a mala para casa.....	26
FIGURA 7 - Colcha de retalhos.....	28
FIGURA 8 - Colcha de retalhos com as crianças.....	28
FIGURA 9 - Reconto com fantoches.....	29
FIGURA 10 - Dramatização de história.....	29
FIGURA 11- Reconto de história.....	29
FIGURA 12 - Professora contando história.....	29
FIGURA 13 - Boneca feita pelas crianças.....	30
FIGURA 14 - Brincando com a boneca.....	30
FIGURA 15 – Mãe do aluno contando história.....	30
FIGURA 16 - Biblioteca SMED.....	31
FIGURA 17 - Crianças na biblioteca.....	31
FIGURA 18 - Assistindo a peça teatral.....	31
FIGURA 19 - Chapeuzinho vermelho e o Lobo Guará.....	31
FIGURA 20- Roda de conversa com participação da família.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTO DA ESCOLA.....	13
3. A LINGUAGEM ORAL	17
4. A LITERATURA INFANTIL.....	19
6. DESENVOLVENDO O PLANO DE AÇÃO	25
7. REFLETINDO SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	32
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS:.....	37
ANEXOS	39

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o plano de ação que foi desenvolvido no ensino infantil com crianças de quatro e cinco anos de idade, abordando a leitura literária nas rodas de conversa como fator incentivador da interação na educação infantil e suas implicações nas práticas sociais de leitura e escrita, em sala de aula.

Trabalho na educação infantil desde o ano de dois mil e cinco e tenho observado que a criança ao deixar o vínculo familiar para ingressar à escola passa por um período de adaptação e socialização. Esse período é marcado por novos interesses, descobertas, curiosidade, como também de insegurança e frustração frente ao novo espaço social, onde a criança vai conviver com pessoas diferentes do seu universo familiar. Na prática pedagógica frequentemente, observamos crianças que ao chegar à escola, apresentam uma postura mais distante, negando-se a comunicar, resistindo ou distanciando-se de colegas e professores por um longo período. Esse distanciamento pode estar relacionado a diversos fatores como: timidez, medo do desconhecido ou mesmo estranhamento frente ao novo espaço. Entretanto observo que junto aos seus familiares, essas crianças, apresentam maior aproximação e comunicam-se com maior facilidade.

Partindo desta observação, passei a me perguntar como poderia auxiliar as crianças a se expressarem melhor criando um ambiente mais propício à interação e a comunicação, frente ao novo espaço da sala de aula e como poderia transformar este lugar em um ambiente mais atrativo e acolhedor incentivando o gosto pela leitura literária nas rodas de conversa. Surgiu então o tema deste plano de ação: a leitura literária em rodas de conversa na sala de aula da educação infantil.

A roda de conversa faz parte da rotina da educação infantil, e vemos nesse momento a oportunidade de propiciar às crianças o contato com a leitura literária, incentivando a comunicação oral entre os pares e a professora, elemento importante nesse processo. Entendemos que o papel do professor é de extrema importância, pois como sujeito da cultura, está envolvido em diversas práticas sociais e tem a oportunidade de ampliar e enriquecer a fala dos alunos, possibilitando a interação de todos. Sabemos que é por meio da interação com outros sujeitos sociais que as crianças desenvolvem sua linguagem e seu pensamento. De acordo com Vigotsky, “o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos

instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança” (VYGOTSKY 1993, p.44). Neste sentido, o professor tem e desenvolve um importante papel de mediador, compartilhando significados de mundo com as crianças, sendo mais um modelo de leitor e falante da língua materna, para a criança. Soares relata que:

Práticas sociais são atividades realizadas pelo conjunto de pessoas da sociedade para se desempenharem em diferentes esferas da vida: doméstica, cotidiana, escolar, profissional, lazer e religiosa, entre outras. As práticas sociais não são homogeneamente vividas no todo social. Grupos diferentes possuem demandas sociais diferentes, expressando-se tanto por atividades diferentes quanto por desempenhos diferentes, ou seja, por modos diferentes de utilização da língua (SOARES 2010, p. 63).

Acreditamos que cabe ao professor incentivar e acolher as crianças no momento em que elas falam sobre suas experiências, para que além de aprender a se expressar de forma clara, também, aprendam a ouvir seus pares. Dessa forma, surgirá um processo de socialização e de interação das crianças entre si e com os adultos que as acompanham, o que permitirá conseqüentemente um processo de construção do conhecimento mais efetivo, nas práticas de leitura e escrita. “Se alfabetizar significa orientar o aluno para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-lo ao exercício das práticas sociais da leitura da escrita”. (SOARES 2003, p. 47).

Compreender a linguagem oral, sua importância, natureza e função, é de grande valor para o educador que quer acompanhar o desenvolvimento do seu aluno, pois o espaço da educação infantil e especialmente na roda de conversa, é um lugar onde a criança pode desenvolver a capacidade de ouvir e prestar atenção a fala de seus pares e professora, tendo a oportunidade de observar e analisar seus interlocutores.

Para Soares “o processo de aprendizagem é situado nas interações verbais que se estabelecem em sala de aula entre professores e alunos” (SOARES 2010, p.19). Desta forma, na educação infantil devemos buscar uma prática educacional voltada para a oralidade juntamente com a literatura infantil, pois ela potencializará a socialização e possibilitará a formação do pensamento crítico da criança, do poder de argumentação, da capacidade de atenção, de escuta e de negociação de pontos de vista, além de favorecer o contato com práticas relacionadas ao uso dos gêneros textuais orais no contexto escolar.

Como objetivo geral, pretende-se com este plano de ação, analisar a importância da literatura nas rodas de conversa da educação infantil e suas implicações nas práticas de leitura e da escrita no trabalho da sala de aula com crianças de quatro e cinco anos de idade. A partir desse objetivo, buscaremos criar e potencializar situações para que as crianças possam desenvolver a linguagem oral construindo narrativas, contando suas próprias vivências, casos, recontando e inventando histórias. Pretendemos propiciar as crianças, a vivência de diversos usos da linguagem como: conversas, observação, levantamento de hipóteses, recados e expressões; como também incentivar o gosto e o prazer pela leitura literária, criando situações para que as crianças possam ouvir o colega e posicionar-se, ampliando e enriquecendo o posicionamento oral, incentivando àquelas que apresentarem maior distanciamento para se engajarem nas discussões e atividades.

Também faz parte desse plano de ação, analisar como as crianças se posicionam, nos momentos da roda de conversa, com maior ou menor propriedade e propor estratégias de trabalho para as crianças que apresentarem menos engajamento ao se expressarem, como também inseri-las nas práticas sociais de leitura e da escrita.

Entendemos que a criança desde pequena já é construtora do próprio conhecimento e sujeito com expectativas e desejos de descobrir o mundo que a rodeia, que desde a mais tenra idade manifesta o desejo de conhecer e se apropriar da linguagem escrita. Soares afirma que:

Desde muito cedo a criança convive com práticas de letramento, vê pessoas lendo ou escrevendo, folheia gibis, revistas, livros, identifica a escrita nas ruas, no comércio e assim vai se familiarizando com as práticas de leitura e escrita e também desde muito cedo inicia seu processo de alfabetização. Observa textos escritos à sua volta, e vai descobrindo o sistema da escrita, reconhecendo algumas letras, algumas palavras. (SOARES 2010, p. 17)

Sendo assim, este plano de ação tem também a importante função de propiciar e desenvolver situações educativas no espaço da sala de aula da educação infantil, que visem a interação da criança com eventos de letramento, através da roda de conversa e a contação de histórias. Sabemos que a oralidade, a observação, a leitura e o manuseio de diversos gêneros textuais, a partir da interação com os adultos são fatores que influenciam na construção do conhecimento pela criança.

Segundo Leite: “para aprender a ler e a escrever é importante observar, agir, sobre os objetos, organizar o pensamento e situar-se no mundo, uma vez que o conhecimento advém da própria atividade da criança” (LEITE 2008, p. 63). Para tanto, nesse plano de ação foram planejadas atividades com intenções educativas que propiciaram às crianças o contato com materiais diversificados, abrindo espaço para que as crianças tivessem a autonomia de expor suas próprias ideias, sugestões e serem participantes efetivos da construção de seu próprio conhecimento.

2. CONTEXTO DA ESCOLA



FIGURA 1: UMEI Mangueiras



FIGURA 2: Parquinho da Escola

Este plano de ação foi desenvolvido, em uma turma de quatro e cinco anos, na UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) Mangueiras, tendo como escola núcleo a Escola Municipal Professor Hiltom Rocha. A UMEI Mangueiras está localizada no Bairro Mangueiras e iniciou seu funcionamento no dia vinte e um de Junho de 2007, mas sua inauguração ocorreu no dia vinte e nove de outubro do mesmo ano. A entidade mantenedora e o grupo fundador desta instituição é a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Sua capacidade é de atender a duzentos e setenta crianças de zero a cinco anos e oito meses de idade.

De acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, essa unidade escolar de educação infantil se caracteriza por duas modalidades de atendimento: horário integral e parcial. O primeiro ciclo da infância é atendido em horário integral, de 7h às 17h e 30min, crianças de zero a três anos. O segundo ciclo é atendido em horário parcial, correspondendo ao turno da manhã e da tarde nos horários de 7h às 11h 30min e de 13h às 17h 30min, atendendo crianças de três a cinco anos e oito meses de idade.

As famílias das crianças atendidas pela UMEI são compostas por pessoas com pouca escolaridade, cujo grau varia do ensino fundamental ao médio. A maioria reside no mesmo bairro onde fica a escola e outra parte, em bairros próximos. Exercem profissões em que a renda mensal varia de um a dois salários mínimos. De acordo com a entrevista feita pela escola com as famílias, pelo preenchimento da ficha de anamnese, percebemos que as famílias se auto intitularam entre pardos,

brancos e negros, compreendemos também que essa questão da raça é étnica e uma questão complexa que envolve diferentes visões.

Consta ainda no PPP da escola que a opção das famílias pela UMEI, segundo as entrevistas realizadas com os duzentos e setenta familiares das crianças, se dá pelo fato de que as mães precisam sair para trabalhar fora e não tem condições de pagar uma escola particular para seus filhos. Estas mesmas famílias esperam que suas crianças tenham um atendimento de qualidade nesta instituição.

Esta unidade de educação infantil tem como proposta de trabalho, incorporar de maneira integrada as funções de educar e cuidar, onde crianças possam desenvolver suas capacidades emocionais, cognitivas e psicomotoras, privilegiando o brincar como linguagem. O brincar é uma das formas privilegiadas, onde as crianças podem se expressar, relacionar-se, descobrir, explorar, conhecer e dar significado ao mundo que as rodeia. Brincando, constroem sua subjetividade, constituem-se como sujeito de uma história em uma determinada cultura. Portanto, o brincar é uma das muitas linguagens da criança e como as demais aprendidas social e culturalmente.

Considerando e tendo em vista a diversidade da comunidade escolar atendida, a escola juntamente com seus profissionais, propõe desenvolver um trabalho dinâmico, que contemple as diversas áreas do conhecimento e atenda a diversidade, as necessidades e os demais aspectos das crianças. Ainda segundo o PPP, a escola propõe o desenvolvimento de um trabalho de forma lúdica, para proporcionar a construção da identidade e da autonomia dos educandos, capacitando-os a fazer uma análise crítica e atuar de forma consciente e responsável na realidade onde estão inseridos.

Quanto aos aspectos pedagógicos, a proposta dessa instituição considera a criança como sujeito social e histórico, como cidadã, portadora e produtora de cultura e sujeito de direitos. Objetiva ajudar na construção da identidade, da autonomia, dos valores, conhecimentos de mundo e dos diversos campos do conhecimento. Sendo assim, a organização dos conteúdos e da metodologia do trabalho se faz baseada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e nas proposições curriculares da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que norteia o trabalho a ser desenvolvido no município. Este trabalho foi desenvolvido pautado nas diversas linguagens a serem desenvolvidas por essas crianças, com o objetivo de que essas tomem a língua - a oral e a escrita - como objeto de observação,

reflexão e análise. Também para propiciar o contato dos alunos com diversos gêneros textuais, para que estes possam compreender o propósito da leitura e da escrita, podendo realizar suas produções, mesmo não sendo de forma convencional.

Para tanto, a escola possui salas de aulas com o cantinho da leitura, como também uma sala de multiuso onde são disponibilizados livros de literatura, fantasias, fantoches, bandinhas. Nessa mesma sala, se encontra um aparelho de som e uma televisão onde as crianças podem assistir filmes e ouvir músicas, fazer dramatizações de histórias que foram ouvidas. É também uma prática das professoras, a roda de conversa, onde as crianças ouvem as mais diversas histórias tendo a oportunidade de contar, recontar e inventar histórias.

Ainda segundo o próprio PPP, a formação profissional não é apenas o domínio de técnicas, de competências e de habilidades, tampouco uma transposição direta do que se aprendeu em cursos, seminários, palestras para a prática educativa. A formação profissional é algo que se constrói cotidianamente, fruto da própria formação das identidades pessoais. Assim, a UMEI se preocupa em assegurar a formação continuada dos seus profissionais através de reuniões pedagógicas com o coletivo, grupos de estudo, pesquisas, espaços para discussão das ações educativas, dentre outros. A unidade escolar procura oferecer, o que é devido como tempo pedagógico dentro da unidade para estudo e planejamento da prática. No dia a dia escolar fica disponível para o professor a sala da coordenação para a troca de experiência, solução de dúvidas e problemas quanto ao desenvolvimento da criança, e processo educacional. A coordenação dentro do possível sugere textos para a leitura, atividades e diversas programações que vêm contribuir para o processo educativo das crianças e profissionais. É oferecido pela Gerência de Educação Infantil/PBH¹ – seminários, palestras, cursos, reuniões e outros momentos com o coletivo, com pequenos grupos, e com a coordenação. A unidade escolar mantém um acervo de livros para estudo dos profissionais, que são disponíveis para empréstimo.

É importante enfatizar que a construção e reconstrução do saber – fazer do professor, é construído a partir do saber e da experiência, que garante ao profissional um movimento ação – reflexão – ação. Dessa forma o professor será

¹ Gerência: Órgão regional responsável pela organização e pelo planejamento pedagógico e administrativo dos trabalhos a serem desenvolvidos pelas escolas.

capaz de levar em consideração o que as crianças dizem e fazem e de refazer, a partir da leitura da própria prática conceitos e posturas. O propósito desses poucos momentos de formação é formar um profissional reflexivo, garantindo uma ação educativa de qualidade.

3. A LINGUAGEM ORAL

A linguagem oral é uma modalidade da língua pela qual a criança comunica, interage, expressa seus sentimentos, suas emoções, suas vontades e seus atos. Através desta modalidade a criança influencia e é influenciada, ou seja, é a língua atividade social por meio da qual vinculamos informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro. Segundo Vanoye, pela linguagem o indivíduo exprime sua existência e sua maneira de estar no mundo, sendo que a “expressão e comunicação verbal não são dissociáveis: falo e escrevo para comunicar alguma coisa a alguém, mesmo que seja apenas a minha existência como ser falante”. (VANOYE 2003, p. 274).

Observamos que é no ambiente familiar, na convivência com seus pares e com profissionais da área da educação, que a criança enriquece o seu repertório de palavras e de ações, gestos e comportamentos, muitas vezes utilizados para resolver os problemas que surgem no dia a dia.

Segundo as Proposições Curriculares para a Educação Infantil, (documentos que apresentam as reflexões sobre o currículo a ser desenvolvido na educação infantil e que orientam o trabalho educativo nas escolas de Belo Horizonte), a linguagem é descrita como um conjunto de usos, cujas condições de produção são consideradas na situação comunicativa, como também na ampliação deste repertório falado pela criança, que não se resume apenas na memorização de repetição de sons e palavras.

Ressaltamos mais uma vez que é na observação e interação com seus pares e professores, que ocorre uma aprendizagem articulada entre pensamentos e ações. Isso pode ser observado, sobretudo, na expressão de seus sentimentos, atos, sensações e desejos quando consegue entender-se e fazer-se compreendida, entendemos que é neste momento que a competência linguística é desenvolvida e aperfeiçoada. De acordo com este mesmo referencial, cada vez que a criança amplia sua compreensão sobre o mundo, propicia o surgimento de novas associações em busca de significados e contextualizações. Elas vão construindo seu repertório verbal por aproximações sucessivas, ou seja, quanto maior for sua exposição ao grupo adulto ou ao grupo de sua faixa etária, mais ampla estará a sua capacidade de expressão.

Retomando o Referencial Nacional para a Educação Infantil, pode-se ressaltar que a linguagem oral articula com diferentes linguagens, que não dá para brincar, cantar, escrever, pintar ou desenhar, ou mesmo se movimentar, sem falar. Fazer-se compreender, exprimir por meio da palavra e comunicar-se são atos de oralidade. A habilidade de manifestar oralmente é uma necessidade vital do ser humano. Marcuschi postula que é importante iniciar em primeiro lugar com o trabalho da oralidade para a escrita, trabalhando as diferenças e semelhanças entre as duas modalidades, visto que o fim maior do ensino de português “é o pleno domínio e uso de ambas as modalidades nos seus diferentes níveis”. (MARCUSCHI 2001, p. 25). Portanto é de suma importância desenvolver um trabalho sobre o processo de desenvolvimento da linguagem e investigar atividades que possam favorecer a entrada das crianças no espaço escolar, visto com um lugar de interação e de aprendizado.

4. A LITERATURA INFANTIL

A contação de histórias faz parte do planejamento e do trabalho das professoras na UMEI Mangueiras. Escutar, recontar e encenar histórias, são atividades diárias para os educandos nas rodas de conversa ou nos momentos culturais que a escola promove. É possível perceber que a escola possui um importante papel ao apresentar para as crianças livros de literatura infantil, pois potencializam valores positivos a inteligência e ao saber de seus alunos.

Desde a antiguidade, o valor da literatura para as crianças é discutido, trazendo variadas reflexões. Segundo Costa (2009), doutora e mestre em literatura, a literatura surgiu, particularmente, com a tradição oral. Suas fontes estão no folclore, com suas lendas, mitos, narrativas e exemplares. Mais tarde, com a valorização social da criança, essas histórias passaram a ser contadas com o intuito formativo. Ela ressalta que as mudanças sociais ao longo da história, determinaram também alterações na literatura infantil.

Nas sociedades primitivas, as crianças eram criadas para aprender somente o que seus pais passavam para elas. Já na época clássica (Grécia e Roma), as crianças eram educadas para servir o estado e a sociedade. No período medieval, as crianças nobres liam os autores consagrados pela tradição, os das classes desfavorecidas, liam ou ouviam histórias da cavalaria de narrativas de aventuras, de heróis, usando recursos pouco visuais e nascidos do povo. Nesta época a literatura popular teve grande importância, reunindo lendas e contos folclóricos.

Ainda segundo Costa (2009), da Idade Média ao Renascimento, surgiram os primeiros livros considerados como literatura infantil, esses livros eram os catecismos, criados pelos padres jesuítas para pregar o cristianismo às crianças. Dessa forma, podemos entender que os livros destinados às crianças eram uma necessidade decorrente da conjuntura econômica e social.

Hoje como professores, temos a possibilidade de entender que as implicações da literatura nas salas de aula devem ir além desta conjuntura econômico-social, pois um dos fatores importantes do trabalho com a literatura é fazer com que as crianças unam o entretenimento e a instrução ao prazer da leitura, possibilitando que as crianças desenvolvam as suas capacidades de emoção, admiração e compreensão de si e do mundo, entendendo os problemas alheios e os seus próprios, enriquecendo sua experiência escolar, cidadã e pessoal.

A literatura infantil brasileira surgiu tempos depois do início da literatura Européia. Costa (2009) relata que com a implantação da imprensa Régia em 1808, começam a serem publicados os livros no Brasil, mas estas publicações eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira, regular para a infância, porém, os livros a partir dessa data deixam de ser objetos tão raros no país. Anteriormente, a falta de uma literatura infantil e o privilégio de uma pequena elite econômica capacitada para ler, fez com que predominasse por muitos anos a literatura oral. Segundo a autora, após a Proclamação da República, uma aceleração da urbanização propiciou o aparecimento da literatura infantil, pois a sociedade brasileira colocou-se a espera da absorção de novos produtos culturais. Para atender esta espera, em 1905 ocorreu o lançamento da revista infantil o “Tico-Tico”, que mesclava textos de invenção com jogos e brincadeiras, textos de informação científica e ilustrações chamativas. Durante este período, observa-se, também a circulação de obras traduzidas.

Um dos problemas apresentados pelos textos europeus traduzidos foi a circulação de textos em edições portuguesas escritos em português muito distante do idioma dos leitores brasileiros. A autora relata que Carlos Jansen em 1882 foi um pioneiro na tradução e adaptação de textos como “Conto seletos das mil e uma noites” e Robinson Crusó em 1885, entre outros, que foram prefaciados por intelectuais como Rui Barbosa, Silvio Romero e Machado de Assis. Em 1904, Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus contos pátrios e Julia Lopes de Almeida lança as histórias de nossa terra, contos infantis e outros. Citando Monteiro Lobato, ela relata que a publicação do livro “A menina do narizinho arrebitado”, já apresentava um apelo à imaginação, movimentação de diálogos, enredo, linguagem visual, humor e a graça na expressão lingüística, renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil.

Considerado por Costa, o maior clássico da literatura Brasileira, Monteiro Lobato criou um universo para a criança, num cenário enriquecido pelo folclore de seu povo. Buscou o nacionalismo na criação de personagens que refletiam a brasilidade na linguagem, nos comportamentos, afetividade, e na relação com a natureza. Lobato foi lido por milhões de leitores e traduzido em diversos países. Costa afirma que “o sistema tradicional estilhaçava-se, e Monteiro Lobato, com sua lucidez irreverente, empenhou-se em desmascarar os falsos valores”. (COSTA 2009, p. 125). Com isso, sofreu reações contrárias a suas obras por religiosos e até por

parte do ditador Salazar, em Portugal. Devido à liberdade criadora e a liberdade de pensamento que defendia suas personagens, ele foi considerado subversivo nos anos 1940.

Ainda segundo a autora, entre os períodos de 1920-1945, a criação literária infantil, aumenta o número de obras. Esse crescimento quantitativo de produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional, demonstram que o mercado estava favorável, devido aos fatores sociais: maior número de consumidores, crescimento da industrialização e aumento da escolarização do meio urbano. Relata que nos anos de 1960 e 1970, ocorrem a promoção e o debate sobre a literatura infantil. Surgem instituições preocupadas com a literatura e o livro infantil, como a fundação nacional do livro infantil e juvenil, e acontece uma mobilização do estado apoiando o envolvimento com a leitura, investimentos para aumentar o número e o ritmo de lançamento de títulos novos.

Costa (2009) postula que a literatura brasileira está marcada pelos registros de peculiaridades locais, mas a principal marca da literatura infantil é a obra de Monteiro Lobato, dividindo-a em antes e depois do autor. Para a autora, hoje, as funções da literatura infantil no Brasil estendem-se para além da educação formal. Informar e educar passam a ser o pano de fundo de interesse de autores e obras. Passam a primeiro plano o conhecimento do próprio indivíduo-leitor e da sua atuação enquanto lê, o entretenimento, o experimentalismo na linguagem narrativa, o lúdico e a aventura do conhecimento humano. Assim sendo, compreendemos que as histórias devem ser contadas não só para aqueles que já construíram a base alfabética², mas também para crianças na mais tenra idade, pois eles também já são leitores. O contato com a literatura contribui para a formação de crianças leitoras e a leitura se torna mais significativa feita com prazer.

² Base alfabética: Na psicogênese da língua escrita, Emília Ferreiro define cinco níveis para explicar o processo de evolução da base alfabética na criança.

5. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com o trabalho na educação infantil e com a prática da contação de histórias, percebemos que desde muito pequenas, as crianças têm a oportunidade de apreciar a literatura. Quando um professor pega um livro e lê, encanta esses pequenos que fascinados prestam atenção nas imagens, cores, tocam no livro com prazer e alegria. Qualquer pessoa que já tenha contado histórias para crianças pequenas sabe da fascinação produzida pela palavra. A palavra como uma tonalidade, um ritmo, com cadências, sabe dos olhos arregalados imaginando aquilo que está falando, sabe dos movimentos do corpo da criança, levantando os braços, batendo palmas, encolhendo os ombros, assustando-se ou rindo com as expressões faciais, movimentos corporais, e entonação da voz, do contador de histórias.

Entendemos que a literatura faz parte do mundo da criança e é uma excelente fonte de prazer e entretenimento. Percebe-se que o trabalho com a literatura extrapola a simples decodificação e que a criança pode “ler” um livro, mesmo sem saber ainda decifrar todos os símbolos neles existentes, explorando outras formas de linguagem que lhe são familiares como as imagens. Esta exploração proporciona-lhes perceber que a língua pode ser representada de outras maneiras além da fala e da escrita, propriamente dita, como menciona Soares:

A prática da leitura literária não só possibilita às crianças uma alternativa de lazer e prazer, mas também torna o mundo e a vida compreensíveis para elas, além de permitir o desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentidos de textos. (SOARES 2010, p. 13).

Dessa forma, podemos ressaltar que o valor que alguém atribui à leitura está diretamente ligado ao meio em que vive da maneira em que observa essa relação com os que estão a sua volta. Nessa perspectiva é fundamental oferecer bons livros e auxiliar as crianças a produzir sentido ao que lêem para que se tornem verdadeiros leitores.

Quando uma criança compreende o discurso do adulto, estabelecendo relação com um texto escrito, ela está participando de uma prática de letramento. São situações em que a língua escrita é parte essencial da natureza das interações dos participantes e de seus processos e estratégias interpretativas. (KLEIMAN *apud* LEITE 2008, p. 59)

O contato diversificado com o universo dos livros inicia-se na escola, pois muitas vezes as crianças não têm livros em casa e nem vêem seus pais como leitores. A escola deve propiciar então um ambiente propício ao letramento. Logo o professor tem nas mãos um desafio de propiciar o encontro da criança com o livro de forma prazerosa e significativa.

Como ressalta Abramovichi (1989), a função da literatura infantil é muito mais que alegrar, é divertir e emocionar as crianças de uma forma lúdica, levando-as a perceber e questionar o mundo que as cercam, mas poderá também, ir além de simples entretenimento, conduzindo-as a um comprometimento com uma experiência de vida, ajudando-a a lidar com suas emoções, desenvolver sua capacidade cognitiva e de maneira mais pontual, a lidar com a linguagem escrita, tão complexa e necessária.

A contação de histórias para crianças pequenas é uma atividade presente nas mais diversas culturas do mundo, ocorrendo no ambiente familiar ou no contexto escolar. Essa prática vem se produzindo através dos tempos de maneira quase intuitiva. Contudo alguns estudos já demonstraram o importante papel que as histórias desempenham na aquisição da linguagem humana. Essas histórias podem oferecer muito mais do que o universo ficcional que desvelam a importância cultural que carregam como transmissoras de valores sociais.

Existe uma acentuada diferença entre as histórias contadas e as histórias lidas para uma criança, já que a linguagem se reveste de qualidade estética quando escrita, e essa diferença já pode ser percebida por ela.

De acordo com Kato (1997), ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento de linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento de marcas gráficas, a produzir ou a interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e vários outros recursos linguísticos. As crianças aprendem a partir das relações que estabelecem com o meio, com as pessoas a sua volta. Ao ter contato com a leitura, sentem uma grande satisfação; aprendem a estrutura da história, passando a ter consideração pela unidade e sequência do texto; faz associações convencionais que dirigem as nossas expectativas, reconhece o papel esperado de um lobo, um leão, de um príncipe, identifica delimitadores iniciais como “era uma vez...”, “e viveram felizes para sempre...”, e estruturas linguísticas mais elaboradas,

típicas da linguagem literária. Aprende ainda, pela experiência o som de um texto escrito, quando é lido em voz alta.

Vivendo em um mundo letrado a criança começa a despertar o interesse pela escrita. Se as crianças ouvem os adultos com quem convive, utilizarem uma imagem rica, no qual se comentam fatos, sentimentos, afetos, temores e alegrias, desenvolvem um ponto de vista diferente acerca do mundo. Aproximam-se de acontecimentos que embora, não tenham experimentado, compreenderão e interiorizarão facilmente se a narração for acessível.

Ao ouvir ou ler uma história, a criança poderá encontrar um mundo imaginário ideal para si, onde os acontecimentos e respostas são mais rápidos. Elas são livres para aceitar ou não uma situação vivida pelas personagens dessas histórias. Fantasias são criadas. Enfim, os sentimentos de injustiça, tristeza, medo, insatisfação podem ser mudados com um simples pensamento, na medida em que “para a criança, a literatura infantil, torna o mundo e a vida compreensíveis, porque revela outros mundos e outras vidas”. (SOARES 2010, p.15)

Estudos e pesquisas têm comprovado que os trabalhos com a literatura com crianças, em idade pré-escolar ou no início da alfabetização, auxiliam no desenvolvimento de habilidades de compreensão, interpretação e construção de sentido do texto. Quando puderem ler por si mesmas, a linguagem lhe será familiar. Por meio da linguagem, a criança amplia seu campo de experiência muito além do seu contexto familiar e isso facilitará um modelo mental do mundo, com um vocabulário mais rico e extenso do que possui aquela criança que só teve acesso a um código restrito.

Podemos ressaltar que a literatura é uma ferramenta saudável de alimentação à imaginação infantil, um contador de história educa, socializa e informa, proporcionando às crianças a construção do seu conhecimento de forma prazerosa e lúdica.

6. DESENVOLVENDO O PLANO DE AÇÃO

Contar história para uma criança é, antes de tudo, uma demonstração de afeto, já dizia Rubem Alves. Esta prática possibilita o desenvolvimento emocional, psicológico e cultural da criança. Contribui para fazer da criança um ser humano crítico, reflexivo e participativo. Por mais despretensiosas que pareçam, as histórias, infantis, tratam de questões chave que perpassam pelas cabeças das crianças. No momento em que conta uma história, a professora mostra aos alunos, dentre outras coisas, que um livro de literatura se lê, passando as páginas, olhando as ilustrações, até chegar ao fim, assim possibilita aos mesmos a fazerem leitura de imagens, inferências e interpretações e abre espaço para que os educandos se tornem críticos e reflexivos perante a leitura.

Partindo deste pressuposto, este plano de ação foi desenvolvido durante o ano de dois mil e onze e dois mil e doze, com uma turma composta por vinte crianças, compreendendo uma faixa etária de quatro a cinco anos, sendo doze meninos e oito meninas. Na sua grande maioria, as crianças não possuíam experiência escolar anterior, somente três alunos eram veteranos, isto é, estudaram na escola no ano anterior. Os veteranos escreviam o primeiro nome sem o auxílio da ficha, já diferenciavam números de letras e símbolos e identificavam letras do alfabeto. Os demais não diferenciavam letras de números e símbolos, não identificavam letras do alfabeto e foi observado que tinham pouco interesse nos livros de literatura. Com o passar do tempo e o trabalho desenvolvido, os alunos aprenderam a apreciar os momentos que passavam na escola, a observar, folhear livros de literatura e ouvir histórias.

Este plano de ação foi desenvolvido também com o intuito de buscar maior aproximação entre escola, crianças e seus familiares, com o mundo da leitura e escrita, através da contação de histórias. Segundo Carvalho, “Os livros de contos infantis devem ser apreciados e lidos, mais do que qualquer outro, por aqueles que educam a criança. Não só na escola pelo professor, mas também no lar”. (CARVALHO 1982, p.19).

Nesse sentido, na roda de conversa, que é uma prática constante realizada na escola, eram feitos, os combinados para a rotina do dia, em seguida registrava-se no quadro negro, levantando-se sempre as hipóteses das crianças para esta escrita.

Ainda na rodinha, os alunos tiveram a oportunidade de fazer o reconto do livro que foi levado para casa dentro da mala da história, uma caixa em forma de mala, contendo livros de literatura para serem apreciados pelas famílias e um caderno para registro da experiência. Para Soares “a alfabetização na concepção atual, desenvolve-se no contexto de uma vivência intensa e diversificada, pela criança, dos usos e práticas sociais da língua escrita” (SOARES 2010, p.12).

Os alunos tiveram a oportunidade de trazer livros de casa para ler ou escolher o livro do cantinho da leitura, espaço na sala de aula onde ficam expostos diversos livros de literatura, revistas etc., também foram apresentados novos livros através da caixa surpresa.



FIGURA 3: Cantinho da Leitura



FIGURA 4: Mesa de Leitura

A roda de conversa era um espaço aberto para a conversa informal e avaliação das atividades ocorridas durante o dia, propiciando momentos enriquecedores para que a presença da leitura e da escrita contribuísse eficazmente para o processo de aquisição da linguagem. Nesse espaço foi possível que as crianças trocassem experiências e vivenciassem diferentes situações de uso social da leitura e da escrita.



FIGURA 5: Mala da História



FIGURA 6: Levando a mala para casa

Segundo Teberosky (1995), o relato de histórias e sua memorização, fazem parte das atividades da leitura e da escrita sob a ótica de um projeto de renovação pedagógica. A prática de escutar, memorizar e depois escrever ou ditar para que alguém escreva histórias é frequentemente empregada na escola e não na vida cotidiana, ou seja, fora do ambiente escolar. As crianças têm mais facilidade em memorizar o texto como parte da leitura compartilhada com a professora. Seria igualmente interessante também que esta situação acontecesse na família. Neste intuito, foi trabalhado o projeto mala da história. As crianças tiveram a oportunidade de levar a mala para casa com um ou mais livros de literatura que elas escolhiam, ou o livro em que estivéssemos desenvolvendo algum projeto de trabalho. Dentro da mala tinha um caderno, onde as famílias dos alunos podiam anotar a sua apreciação pelo livro lido e suas sugestões. As crianças demonstraram prazer e esperavam com alegria e certa ansiedade, a sua vez de levar a mala de história para casa. As famílias responderam positivamente a esta prática, demonstrando interesse que a mala voltasse com outros livros, foram relatadas experiências significativas entre as famílias.

Na sala de aula também foi criado o cantinho da leitura com diversos livros de literatura. Uma caixa com revistas e jornais que as crianças usavam para folhear e recortar com orientação da professora, ou mesmo segundo seu próprio interesse. Vale ressaltar que todo este material estava exposto a uma altura em que todas as crianças tinham acesso. Leite afirma que:

Vivendo numa sociedade letrada, além do domínio das regras de uso da oralidade, o indivíduo aprende os usos sociais da escrita, suas funções e, portanto, pode se tornar leitor e produtor de texto, mesmo não sendo alfabetizado. (LEITE 2008, p.65).

Refletir e ressignificar a maneira como o professor e a escola tem letrado seus alunos, é agir sobre as possibilidades de transformação que o trabalho pedagógico pode trazer para o processo de aprender a ler e a escrever e de continuar a ser leitor.

O trabalho desenvolvido possibilitou a turma o contato com diferentes gêneros textuais. As crianças puderam construir sua aprendizagem de forma efetiva e prazerosa, através da contação de histórias, conto e reconto feito pelas crianças.

Através dos livros, foi possível colocar as crianças em contato com o mundo das letras, numerais, dos sonhos, fantasias, criatividade e imaginação. As crianças foram envolvidas em atividades criativas, onde elas tiveram a oportunidade de fazer o registro de experiências vivenciadas pelas histórias, ou através de pinturas, dobraduras, colagens, encenações e representações. Os alunos participaram de atividades das diversas linguagens a serem desenvolvidas na educação infantil, podendo desenvolver suas habilidades e capacidades, através do estímulo recebido pela professora, dentro de um ambiente letrado e alfabetizador.

Ao propor atividades lúdicas, alcançou-se uma estratégia de trabalho eficaz, pois a apresentação de histórias propiciou às crianças o encantamento de brincar com as letras e ao mesmo tempo de descobrir que poderiam associar letras contidas nos livros de histórias ao seu nome, de parentes, amigos, da professora de colegas e objetos da sala, ou de fazer relação a alguma curiosidade ou acontecimento do dia, seja na escola, na família ou na sociedade onde ela está inserida.

Para grande parte dos nossos alunos, a escola representa o único meio de contato com o universo da escrita e da leitura. O acesso a vários gêneros textuais é de suma importância para o desenvolvimento cultural de nossas crianças. Nesta perspectiva foram desenvolvidos diversos trabalhos.

Primeiramente a partir da leitura do livro “Colcha de retalhos”, de SILVA, Conceil C. e SILVA, Nye, foi confeccionada, juntamente com as crianças e ajuda das famílias, uma colcha de retalhos. Em cada retalho desta colcha, cada criança pode desenhar sua história preferida. Depois de pronta esta colcha ficou exposta no mural do lado de fora da sala de aula, para apreciação das famílias e comunidade escolar.



FIGURA 7: Colcha de retalhos



FIGURA 8: Colcha de retalhos com as crianças

Na busca de alternativas para incentivar as crianças e suas famílias e despertar nelas a atitude de valorização do ato de ler, foram propiciados momentos

de envolvimento, alegria, descontração, participação, prazer e conseqüentemente as práticas sociais da leitura e escrita.

A contação de histórias se concretizou através das mais diversas formas de apresentação, que foram feitas pela professora, crianças e famílias, onde os alunos envolvidos neste processo tinham participação como atores ou expectadores.



FIGURA 9: Reconto com fantoches



FIGURA 10: Dramatização de história



FIGURA 11: Reconto de história



FIGURA 12: Professora contando história

Posteriormente, foi elaborado um momento literário com a participação de toda escola, onde foram contadas duas histórias: “Os três porquinhos”, e “A verdadeira história dos três porquinhos”, esta última contada pela versão do lobo. Neste momento, as crianças tiveram a oportunidade de participar, relatando qual das duas histórias elas acreditavam ser a verdadeira. A mãe de um dos alunos que trabalha em uma empresa que desenvolve o projeto social “Ler para uma criança, muda sua história”, doou para a escola através desta instituição duzentos e sessenta Kits de literatura, contendo cada Kit quatro livros. Estes Kits foram entregues neste dia para cada aluno da escola. Houve também a apresentação do teatro feito pelos alunos do livro “Menina bonita do laço de fita” da autora Ana Maria Machado. Esta apresentação aconteceu no momento cultural da escola, com a presença das famílias, e teve como intuito trabalhar a diversidade cultural, e a autoestima, foi

confeccionada juntamente com as crianças uma boneca negra de pano. Os alunos sugeriram possíveis nomes para a boneca, este foi escolhido através de votação.



FIGURA 13: Boneca e crianças



FIGURA 14: Brincando com a Boneca

Foram também convidadas, através de bilhetes, as famílias que quisessem vir à escola, contar uma história para a turma. Uma das famílias aceitou o convite e veio contar a história: da tartaruga Tamar, esta família empenhou-se confeccionando fantoches com o tema da história, improvisando um cenário bastante criativo.



FIGURA 15: Mãe de aluno contando história.

Outra forma de trabalho foi a confecção do tapete para contação de história, onde as crianças e famílias puderam registrar através de desenho neste tapete, a história que foi lida por eles em casa, através da mala da história. Foi confeccionado também pelas crianças, o livro da história de João e Maria. Nesse intuito, a turma foi visitar a biblioteca da SMED (Secretaria Municipal de Educação), nesse espaço as crianças puderam ouvir histórias e manusear livros de literatura.



FIGURA 16: Biblioteca SMED



FIGURA 17: Crianças na Biblioteca

Dando continuidade ao plano de ação, as crianças foram levadas ao teatro para assistir a peça “Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Guará”, este momento foi muito significativo para a turma, pois puderam ter acesso a um novo espaço cultural e contato com pessoas diferentes de seu convívio.



FIGURA 18: Assistindo a peça teatral



FIGURA 19: Chapeuzinho vermelho e o Lobo Guará.

Todos os materiais confeccionados durante o desenvolvimento desse plano de ação foram expostos no evento que é promovido pela escola todos os anos “Fest UMEI”.

7. REFLETINDO SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante a realização desse plano de ação, foram vários os desafios observados, posso citar aqui o desafio de buscar e escolher todos os dias livros de literatura que fossem significativos para as crianças e suas famílias e que pudessem contribuir para o aprendizado e formação de pequenos leitores. Vale ressaltar que foram tomadas posturas flexíveis, durante as negociações e levantamento de hipóteses das crianças durante as rodas de conversa, ouvindo e garantindo a fala de todos, incentivando àqueles que se negavam a posicionar-se, identificando e buscando juntamente com suas famílias conhecer mais a fundo os fatores que poderiam estar influenciando tais comportamentos.

Compreendemos e vivenciamos situações em que, contar uma história criou um ambiente favorável para ajudar na construção da personalidade e identidade dessas crianças. Foi gratificante ver a alegria dos alunos ao conseguir superar a timidez, insegurança e se posicionarem como sujeitos críticos e autônomos frente às situações-problemas da vida, como também observar a criança que tinha dificuldade em falar da cor de sua pele e depois do trabalho desenvolvido, dizer com naturalidade que é da linda cor, socializando-se sem medo com colegas e professores. O livro de literatura foi uma importante ferramenta para trabalhar temas específicos, envolvendo os alunos em situações de aprendizagens, estabelecendo um espaço favorável para o desenvolvimento das capacidades e habilidades a serem desenvolvidas na educação infantil.

Percebi resultados positivos com relação à autoestima e o gosto pela leitura. A vontade de levar a mala de leitura para casa, para apreciar os livros com as suas famílias, aumentou consideravelmente. Conforme relato dos pais, a mala de leitura propiciou às famílias momentos agradáveis de compartilhamento das histórias, como também a oportunidade de participar do trabalho desenvolvido pela professora em sala de aula. Ainda segundo os pais os filhos não queriam faltar às aulas mesmo quando estavam doentes, porque não queriam perder o momento das rodas de conversa nem as atividades propostas pela professora.

Dessa forma, podemos afirmar que as implicações desse plano de ação, dentro da sala de aula foram bastante positivas, promovendo a socialização e o desenvolvimento de habilidades que permitiram as crianças participarem de práticas sociais de leitura e de escrita e delas se apropriarem, a partir de um trabalho

pedagógico centrado em livros de literatura com temas significativos para as crianças, possibilitando uma ação reflexiva e a apropriação cultural dos sujeitos envolvidos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que no trabalho da sala de aula da educação infantil, a apresentação de livros literários e a contação de histórias, é sem dúvida a principal atividade de letramento. Soares expõe que essa prática, se adequadamente desenvolvida, conduz a criança, desde a mais tenra idade, a conhecimentos e habilidades fundamentais para a sua plena inserção no mundo da escrita, pois esta é uma atividade que conduz a criança a familiarizar-se com a materialidade do texto escrito; conhecer para que serve ou como é utilizado o livro e a revista; descobrir que as marcas na página, sequência de letra, escondem significados; que textos são para ler e que através das ilustrações, podemos levantar hipótese e fazer uma leitura imagética; que as páginas são folheadas da direita para a esquerda; que texto são lidos da esquerda para a direita; e de cima para baixo; que livros tem ilustrador, autor, editor, capa. (SOARES, 2003)

Ainda, segundo a autora, para que o trabalho da literatura, seja eficaz na sala de aula, não basta que a professora leia a história, é necessário que quem faz a leitura da história, desenvolva com as crianças estratégias de leitura como: a leitura seja precedida de perguntas de previsão, a partir do título, das ilustrações, que seja propositadamente interrompida em partes pré escolhidas, por perguntas de compreensão, de inferência, que seja acompanhada e que ao término seja feito um confronto com as previsões inicialmente feitas por avaliações de fatos, seus personagens, seus comportamentos e suas atitudes.

Na educação infantil, tanto devem estar presentes, atividades de introdução da criança ao sistema alfabético e suas convenções de alfabetização, quanto devem estar presentes as práticas do uso social da leitura e da escrita – letramento. (SOARES, 2003).

A criança que tem a oportunidade de crescer em um ambiente “letrado” fica exposta a situações de interação nas quais a língua escrita é a mediadora deste processo. É através da interação adulto-criança e crianças com seus pares, que são criados condições para o reconhecimento dos símbolos. A criança se vê envolvida como participante e observador, no mundo “letrado”. A professora e a família, envolvidas neste processo, possibilitam às crianças a agirem como se fossem leitores, escritores, dando a elas várias oportunidades para sua realização,

oferecendo papel, lápis, tinta, livros de histórias e a oportunidade de socializar a sua produção com outras crianças e adultos dentro da escola e junto a sua família.

De acordo com Ferreiro: “o fato de se comportar como leitor antes de ser, faz com que as crianças aprendam antecipadamente o essencial das práticas sociais ligadas á escrita”. (FERREIRO 1996, p.12) Assim sendo, o momento literário, a contação de história e a mala literária através da roda de conversa, propuseram uma estrutura compartilhada entre escola, aluno, família e neste processo, a habilidade de socializarem-se com outras crianças, adultos e de aprender as práticas sociais da leitura e da escrita foram muito significativas, pois as diferentes maneiras de se contar uma história, as diversas formas de apreciação, contribuíram para que as práticas pedagógicas se concretizassem de uma maneira mais efetiva e a aprendizagem dos educandos ocorreu de uma maneira significativa, prazerosa e lúdica.



FIGURA 20: Roda de conversa com participação da família

Dessa forma podemos ressaltar que este plano de ação buscou romper com as práticas reservadas a aprendizagem da leitura e da escrita que, em geral, revelam uma noção de que essa aprendizagem deve ocorrer separada da sua significação. A escola, muitas vezes acentua esta distância, em virtude dos métodos utilizados para ler e escrever. Portanto esse trabalho possibilitou aos aprendizes situações de leitura aos quais pudesse interagir com textos literários, manuseá-los, levantar hipóteses, desenvolver a observação, que é uma das habilidades a ser

desenvolvida na educação infantil, inventar e recontar suas histórias ainda que não fossem capazes de ler convencionalmente.

Assim sendo, podemos ressaltar que este plano de ação contribuiu para que as crianças se envolvessem em situações significativas de interação e aprendizagem de leitura e escrita, com prazer, podendo estabelecer relações que as ajudarão ao longo de sua vida escolar, Leite afirma que:

Altas taxas de fracasso escolar têm incidência frequentemente no ensino público brasileiro, principalmente nos primeiros anos da escolarização, quando a principal causa parece ser a dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever (LEITE 2008, p. 359).

Neste sentido, o trabalho na sala de aula que envolve a criança no mundo letrado, viabiliza o acesso ao conhecimento e a informação. Contribui para o uso social adequado da leitura-escrita, para a formação e atuação de um sujeito crítico, consciente, transformador e conseqüentemente, permitirá o acesso a uma melhor qualidade de vida. Ressalta-se aqui, mais uma vez, o papel do professor como mediador do conhecimento, como modelo de cidadão reflexivo, pesquisador e agente para as mudanças das práticas sociais excludentes, Leite afirma que:

A prática reflexiva somente tem sentido para os professores que desejam pensar sobre as dimensões sociais e políticas da educação e do contexto que ela se insere. Nesse campo não cabe a neutralidade e a imparcialidade. (LEITE 2008, p. 369)

A Importância da Educação Infantil é um assunto que deve ser discutido e repensado. Contudo ainda não existe a valorização dessa etapa do ensino que é a base fundamental para o desenvolvimento da criança, nem tampouco dos profissionais que se dedicam na formação desses sujeitos. Torna-se, portanto necessária a divulgação de seus benefícios e da sua significativa contribuição para melhoria na qualidade de vida e para a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. Gostosuras e bobices. 4ª ed. Scipione, 1989.

BELO HORIZONTE. **Proposições curriculares da educação infantil** - Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Belo Horizonte SMED, 2010.

CADERMARTORI, Lígia. **Uma voz que você possa escutar**. In_ O professor e a literatura - para pequenos, médios e grandes. Belo horizonte. Ed. Autêntica p.17-25, 2009.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: Visão histórica e crítica**. São Paulo: Edart, 2ª ed., 1982

COSTA, Marta Morais da. **Literatura Infanto-Juvenil**. 2 ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24ª Ed. Coleção Questões da nossa época. Volume 14, São Paulo. Cortez, 1996.

KATO, M.A; MOREIRA, N. e TARALLO, F. **Estudos em Alfabetização**. Campinas. Edusf /Pontes, 1997.

LEITE, Sergio Antônio da Silva. **Alfabetização e letramento; contribuições para as práticas pedagógicas**. 4 ed. Campinas, 2008

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento. Letramento - Um Tema em Três Gêneros**. São Paulo. Ed. Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Literatura. Revista Educação - Guia da Alfabetização.** São Paulo, nº 2, p.12-29, 2010.

SOARES, Magda. **A Reinvenção da Alfabetização.** Disponível em: [<www.cereja.org.br/arquivos.../magda_soares_reinvencao.pdf.>](http://www.cereja.org.br/arquivos.../magda_soares_reinvencao.pdf) Acesso em 15 de Fevereiro de 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2ª ed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar.** Disponível em: [<http://intervox.nce.ufrj.br/%7Eedpaes/magda.htm>](http://intervox.nce.ufrj.br/%7Eedpaes/magda.htm). Acesso em: 10 de Novembro de 2011.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais.** São Paulo. Ática, 1995.

VANOYE, Francis. Usos da linguagem. In: **Problemas e técnicas na produção oral e escrita.** São Paulo. Ed. Martins Fontes LTDA, p. 274-280, 2003.

VYGOTSKY, L,S. **Pensamento e Linguagem.** Tradução Jeferson Luiz Camargo; revisão técnica Jose Cipolla Neto. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1993.

ANEXOS

MALA DA HISTÓRIA

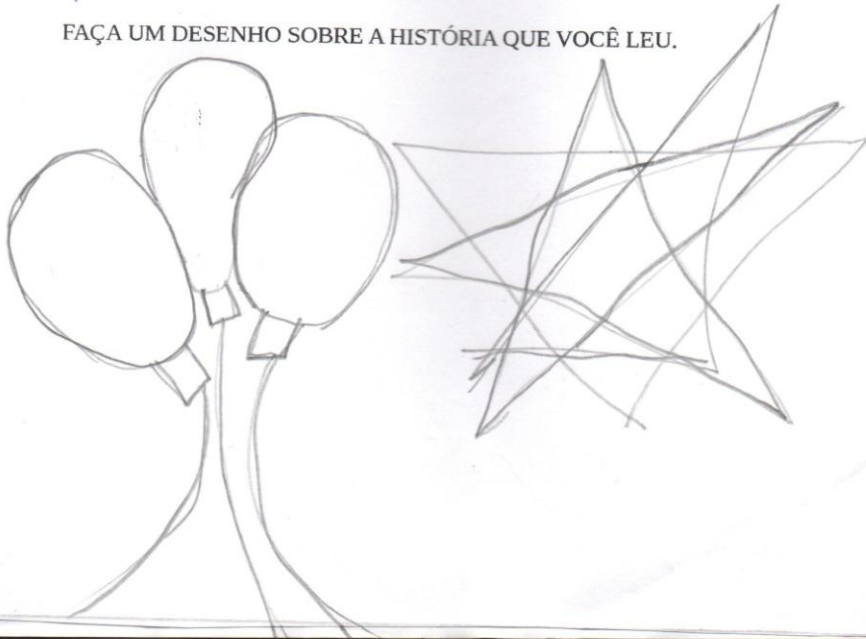
NOME DO LIVRO: Loja no Céu

NOME DO ALUNO: _____

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Eu gostei muito da história
É muito legal importante
gostaria de ler mais uma
vez por que coisa bonita
ajuda guarda no coração
parabéns pelo trabalho

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.



MALA DA HISTÓRIA

NOME DO LIVRO; FOGO NO CEU

NOME DO ALUNO _____

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Acreditamos que: A Educação e o incentivo a leitura, é a base para o futuro das crianças.

Parabéns!!! Doroteia, pelo seu trabalho.

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.



BODE E RATO

MALA DA HISTÓRIA

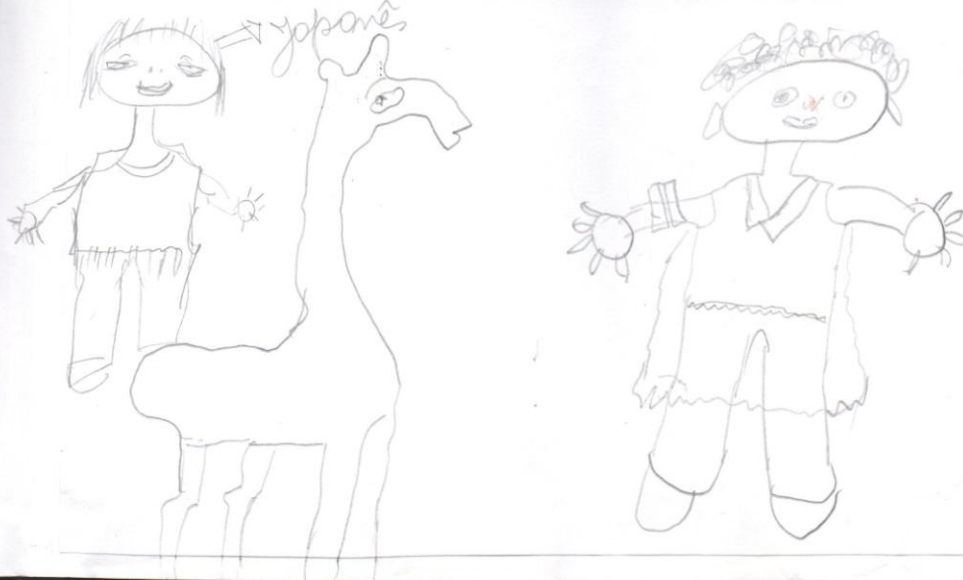
NOME DO LIVRO: Meninos Negros

NOME DO ALUNO: _____

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Acredito que a leitura, seja um dos melhores meios de fazer as crianças aprender a respeitar as diferenças entre os povos, raças e culturas, e até mesmo entre a natureza e os animais. Creio também que a leitura traz conhecimento e conhecimento traz educação.
Parabéns Doroteio!!

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.



MALA DA HISTÓRIA

NOME DO LIVRO: Meninas negras / Fogonocé

NOME DO ALUNO: Raica B

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Voce² esta de Parabens encentivo! muito
tanto a Raica como a outra irmã a Ler
os livros, literaturas e culturas. fazem
parte das crianças. mas para isto e
preciso um encentivador e voce² Doroteia
Esta Dezevolvendo este encentivo
nas Crianças Parabens pelo Projeto eu gostei
muito!

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.



MALA DA HISTÓRIA

NOME DO LIVRO:

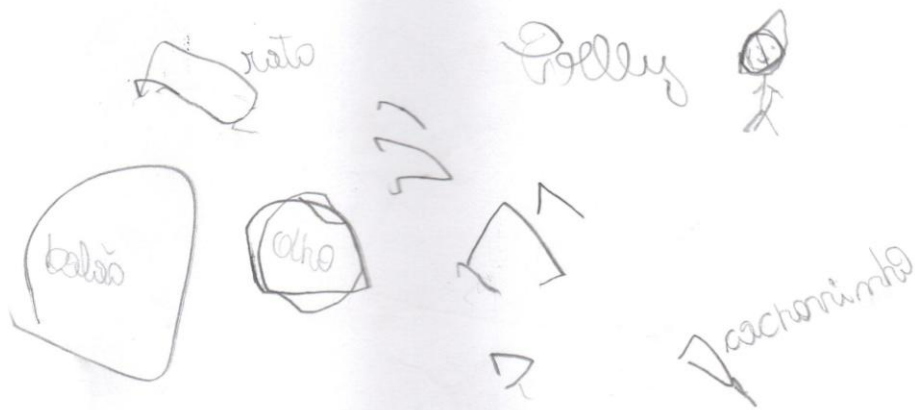
Todos eles nós lemos e gostamos

NOME DO ALUNO:

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Nós aqui em casa, gostamos muito das histórias dos livros, gostamos também do trabalho que você está fazendo com as crianças, é um mundo de imaginação aos pequeninos que não sabem ler ainda.

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.



MALA DA HISTÓRIA

NOME DO LIVRO: A lindosa das borboletas, Que planeta é esse?
A menina das borboletas.

NOME DO ALUNO: _____

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Parabéns, pelo trabalho, fiquei muito feliz em receber a caixinha da história. Achei um ótimo incentivo para as crianças a interessarem em lerem, continue-as incentivarem, mais uma vez parabéns. Foi muito bom adoramos as histórias.

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.



MALA DA HISTÓRIA

NOME DO LIVRO; Os três Porquinhos

NOME DO ALUNO- Gabriel

ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.

Mais uma vez está de parabéns,
é maravilhoso compartilhar estes
momentos com a minha filha,
todos ficamos felizes. Obrigada!

FAÇA UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.

